

**LIDERANÇAS METALÚRGICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO: PERFIL SOCIAL
E TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DA MILITÂNCIA SINDICAL**

**LIDERAZGOS METALÚRGICOS EN EL ESTADO DE SÃO PAULO: PERFIL SOCIAL
Y TRAYECTORIAS DE FORMACIÓN DE LA MILITANCIA SINDICAL**

**METALWORKERS' LEADERSHIP IN SÃO PAULO: SOCIAL PROFILE AND
TRAJECTORIES OF LABOR ACTIVISM FORMATION**



Fernando Ramalho MARTINS¹
e-mail: fernando.martins@unesp.br



Filipe Augusto Freitas MELO²
e-mail: filipeafmelo@gmail.com

Como referenciar este artigo:

MARTINS, Fernando Ramalho; MELO, Filipe Augusto Freitas. Lideranças metalúrgicas no estado de São Paulo: perfil social e trajetórias de formação da militância sindical. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 31, n. esp. 1, e026006, 2026. e-ISSN: 1982-4718. DOI: 10.52780/res.v31iesp.1.21080.



| Submetido em: 09/04/2026
| Revisões requeridas em: 15/04/2026
| Aprovado em: 05/05/2026
| Publicado em: 27/07/2026

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim

¹ Universidade do Estadual Paulista (Unesp), Araraquara – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Sociologia pela UFSCar, professor assistente no Departamento de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Professor assistente FCLAr.

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Sociologia pela USP, realiza estágio Pós-doutoral no Departamento de Sociologia da USP. Pós-doutorado Departamento de Sociologia USP.

RESUMO: Este artigo analisa o perfil social e as trajetórias de militância de lideranças sindicais metalúrgicas vinculadas à Federação Estadual dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores (FEM-CUT) no Estado de São Paulo. A pesquisa combina dados quantitativos provenientes de um *survey* aplicado durante a 9ª Plenária Estatutária da FEM-CUT/SP, realizada em 2025, com entrevistas em profundidade conduzidas com dirigentes sindicais de diferentes sindicatos metalúrgicos paulistas. Os resultados indicam que o perfil dessas lideranças apresenta características relativamente estáveis, como predominância masculina, elevada experiência sindical e escolaridade crescente. As trajetórias analisadas sugerem mudanças nas bases sociais da militância sindical. Observa-se entre as lideranças entrevistadas a recorrência de trajetórias associadas à reprodução intergeracional da condição operária e à construção gradual da militância no interior do universo fabril. O artigo contribui para a compreensão das bases sociais do sindicalismo metalúrgico contemporâneo e dos processos de formação de lideranças no interior da classe trabalhadora.

PALAVRAS-CHAVE: Sindicalismo. Lideranças sindicais. Metalúrgicos. Trajetórias de militância. Sociologia do trabalho.

RESUMEN: Este artículo analiza el perfil social y las trayectorias de militancia de dirigentes sindicales metalúrgicos vinculados a la Federación Estadual de los Metalúrgicos de la Central Única de los Trabajadores (FEM-CUT) en el estado de São Paulo. La investigación combina datos cuantitativos provenientes de una encuesta aplicada durante la 9ª Plenaria Estatutaria de la FEM-CUT/SP, realizada en 2025, con entrevistas en profundidad realizadas a dirigentes de distintos sindicatos metalúrgicos paulistas. Los resultados indican que el perfil de estas dirigencias presenta características relativamente estables, como predominio masculino, elevada experiencia sindical y niveles crecientes de escolaridad. Las trayectorias analizadas sugieren cambios en las bases sociales de la militancia sindical. Entre los dirigentes entrevistados se observa con frecuencia trayectorias asociadas a la reproducción intergeneracional de la condición obrera y a la construcción gradual de la militancia dentro del propio universo fabril. El artículo contribuye a la comprensión de las bases sociales del sindicalismo metalúrgico contemporáneo.

PALABRAS CLAVE: Sindicalismo. Liderazgo sindical. Trabajadores metalúrgicos. Trayectorias de militancia. Sociología del trabajo.

ABSTRACT: This article analyzes the social profile and trajectories of union activism among metalworker leaders affiliated with the São Paulo State Federation of Metalworkers of the Central Única dos Trabalhadores (FEM-CUT). The study combines quantitative data from a survey conducted during the 9th Statutory Plenary of FEM-CUT/SP in 2025 with in-depth interviews carried out with union leaders from different metalworker unions in the state of São Paulo. The findings indicate that the social profile of these leaders displays relatively stable characteristics, including male predominance, long-term union experience, and rising levels of education. The trajectories analyzed point to the increasing relevance of the intergenerational reproduction of the working-class condition and to the gradual formation of union activism within a consolidated urban-industrial environment. The article contributes to the understanding of contemporary metalworker unionism and of the processes through which union leadership is formed within the working class.

KEYWORDS: Unionism. Union leadership. Metalworkers. Trajectories of activism. Sociology of work.

Introdução

As transformações recentes no mundo do trabalho recolocaram o debate sobre o destino do sindicalismo no Brasil. A intensificação da reestruturação produtiva, a flexibilização das relações de trabalho e emprego e as mudanças institucionais no campo trabalhista aprofundaram desafios já conhecidos pelas formas tradicionais de organização e representação coletiva. Nesse cenário, questões relativas à capacidade de mobilização, à representatividade e aos recursos de poder da ação sindical voltaram a ocupar lugar central na agenda de pesquisa sobre o sindicalismo contemporâneo.

O debate sobre as transformações do sindicalismo brasileiro, contudo, não é recente. Desde os anos 1990, autores como Leôncio Martins Rodrigues discutem se os sindicatos estariam diante de um processo de declínio estrutural ou de uma crise passível de recomposição diante das mudanças do capitalismo contemporâneo (Martins Rodrigues, 1999). Ao longo das décadas seguintes, esse debate foi sendo progressivamente requalificado por estudos que enfatizam processos de adaptação e reconfiguração das bases sociais e políticas do sindicalismo (Santana; Rodrigues; Diéguez, 2023). Nesse processo, as mudanças na esfera produtiva iniciadas nos anos 1990 demandaram um novo perfil de liderança, ao mesmo tempo em que novas pautas — que Nancy Fraser (2017) denomina emancipatórias (gênero e raça) — foram incorporadas à ação sindical. Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002, abriu-se ainda um espaço inédito de atuação no aparelho de Estado, levando muitas organizações a enfatizarem a via institucional em detrimento do amadurecimento organizativo diante das transformações no mundo do trabalho (Silva, 2023).

Essa configuração revelou fragilidades no período posterior à interrupção do ciclo petista, quando o movimento sindical se viu enfraquecido pela ausência de aporte governamental frente a um processo severo de desindustrialização. Investigações sobre o fechamento de plantas como as da LG (Taubaté), Mercedes-Benz (Iracemápolis), Toyota (SBC) e Ford (SBC e Taubaté) demonstram que, nesse cenário de crise estrutural, as lideranças são compelidas a mobilizar redes de atores locais e complexos recursos políticos para mediar o encerramento das atividades e seus impactos sociais (Bicev; Melo, 2022; Martins; Melo, 2024; Melo, 2025).

Nesse debate, consolidou-se também uma agenda de pesquisas voltada à caracterização empírica dos trabalhadores e dirigentes sindicais, interessada em compreender quem são os sujeitos que permanecem vinculados às organizações sindicais em contextos de profundas transformações no mundo do trabalho. Estudos sobre o perfil social dos sindicalistas, como os

de Rodrigues e Martins (2005), Rodrigues *et al.* (2006) e Rodrigues e Ramalho (2014), destacam a importância de variáveis como escolaridade, origem social e inserção ocupacional para compreender as bases sociais da ação sindical. Pesquisas mais recentes sobre as direções da Central Única dos Trabalhadores (CUT), como as de Carvalho (2014) e Carvalho e Bicev (2021), apontam para a predominância masculina entre os dirigentes, a elevação progressiva da escolaridade e a consolidação de trajetórias longas de militância.

Entre as diferentes categorias profissionais, os metalúrgicos ocupam posição central na história do sindicalismo brasileiro e na própria formação da sociologia do trabalho no país. Desde o processo de industrialização e, especialmente, a partir das greves do ABC paulista no final da década de 1970, o setor metalúrgico tornou-se objeto privilegiado de estudos sociológicos. Pesquisas clássicas de autores como Cardoso (1960), Martins Rodrigues (1970), Lopes (1971) e Rodrigues (1979) enfatizavam a origem rural de grande parte do operariado industrial e os desafios associados à formação de uma identidade coletiva entre trabalhadores recentemente incorporados ao universo urbano-industrial.

Décadas depois, contudo, a própria consolidação das regiões industriais brasileiras produziu transformações nas bases sociais da classe trabalhadora. Em muitas áreas industrializadas, como o ABC paulista, o trabalho fabril deixou de ser apenas o destino ocupacional de migrantes recém-chegados do meio rural e passou a constituir também um horizonte profissional transmitido entre gerações. Essa transformação coloca uma questão sociologicamente relevante: em que medida as lideranças sindicais metalúrgicas contemporâneas continuam refletindo o padrão clássico de origem social do operariado industrial brasileiro, marcado pela migração rural, ou passaram a expressar trajetórias associadas à reprodução intergeracional da condição operária em regiões urbano-industriais consolidadas?

As entrevistas analisadas neste estudo sugerem a presença desse processo geracional. Em diversos casos, os dirigentes entrevistados são filhos de trabalhadores industriais que migraram anteriormente para os centros industriais paulistas, enquanto os próprios entrevistados cresceram em contextos urbanos fortemente marcados pela presença da indústria. Nessas trajetórias, a socialização para o trabalho fabril ocorre frequentemente de forma precoce, mediada por redes familiares, experiências locais de trabalho e instituições de formação profissional. Ao mesmo tempo, as narrativas também indicam a persistência de trajetórias familiares associadas à migração e à origem rural, evidenciando que os processos de formação da classe trabalhadora industrial continuam socialmente heterogêneos.

É nesse contexto que se insere o presente artigo. O objetivo é analisar o perfil social e as trajetórias de militância de lideranças sindicais metalúrgicas vinculadas à Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT no estado de São Paulo. A partir de um *survey* aplicado durante a 9ª Plenária Estatutária da FEM-CUT/SP, realizada em Itanhaém (SP), em 2025, e de entrevistas em profundidade com dirigentes e representantes sindicais³, buscamos compreender quem são essas lideranças e como se constrói sua inserção na militância sindical.

A hipótese que orienta o artigo é que as trajetórias das lideranças metalúrgicas contemporâneas refletem o processo de consolidação histórica de regiões urbano-industriais, no qual a reprodução intergeracional da condição operária ganha maior peso relativo na formação das trajetórias profissionais e políticas. Isso não significa o desaparecimento das trajetórias associadas à migração rural ou à inserção recente na indústria, amplamente documentadas pela literatura clássica, mas indica a coexistência de diferentes padrões de origem social e de socialização para o trabalho industrial.

Este artigo contribui para a literatura sobre sindicalismo e sociologia do trabalho em três aspectos principais. Em primeiro lugar, apresenta evidências empíricas recentes sobre o perfil social e as trajetórias de militância de lideranças metalúrgicas no estado de São Paulo. Em segundo lugar, ao analisar essas trajetórias à luz da literatura clássica sobre o operariado industrial brasileiro, o estudo permite atualizar o debate sobre as bases sociais do sindicalismo metalúrgico contemporâneo, identificando simultaneamente elementos de continuidade e transformação nos processos de recrutamento das lideranças. Por fim, o estudo evidencia que o engajamento sindical se constrói por processos graduais de inserção e aprendizagem política no cotidiano das relações de trabalho.

Além desta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma. A próxima seção apresenta o referencial teórico e o diálogo com a literatura sobre sindicalismo e formação de lideranças no movimento sindical brasileiro, com especial atenção aos debates sobre a formação da classe trabalhadora industrial e a reprodução social das lideranças sindicais. Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa, seguidos dos resultados do *survey*, a partir dos quais discutimos o perfil social das lideranças e algumas características gerais de sua inserção no mundo do trabalho e no movimento sindical. Posteriormente, analisamos as trajetórias de formação da militância sindical, examinando os padrões de origem social dos dirigentes e os processos de socialização política que estruturam suas trajetórias. Por fim, as

³ Entrevistas realizadas no âmbito do projeto Universal CNPq “A condição operária revisitada: os trabalhadores da indústria automotiva paulista no início do século XXI” (Processo nº 407953/2021-3).

considerações finais retomam os principais resultados do estudo e discutem suas implicações para a compreensão das bases sociais e dos processos de formação das lideranças no sindicalismo metalúrgico contemporâneo.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem de métodos mistos, combinando dados quantitativos e qualitativos (Creswell; Creswell, 2021). O desenho da pesquisa baseia-se em uma estratégia de triangulação concomitante, na qual os dois tipos de dados são produzidos de forma paralela e, posteriormente, integrados na análise, permitindo articular a caracterização descritiva do perfil social das lideranças com a reconstrução qualitativa de suas trajetórias de militância.

A etapa quantitativa consistiu na aplicação de um questionário estruturado destinado a caracterizar o perfil social e ocupacional dos representantes sindicais presentes na 9ª Plenária Estatutária da Federação Estadual dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores no estado de São Paulo (FEM-CUT/SP). A coleta foi realizada entre os dias 14 e 16 de maio de 2025, no município de Itanhaém (SP). Os participantes foram convidados a responder ao questionário por meio de formulário eletrônico disponibilizado na plataforma Google Forms. Ao todo, foram obtidas 71 respostas válidas, de um universo aproximado de 110 participantes do evento.

A realização do levantamento durante a plenária da FEM-CUT constituiu uma estratégia relevante de pesquisa, uma vez que o evento funciona como um espaço de convergência organizativa, reunindo dirigentes e representantes sindicais provenientes de diferentes sindicatos metalúrgicos do estado de São Paulo. Esse contexto permitiu acessar atores com atuação regular nas instâncias federativas do sindicalismo metalúrgico e vinculados a distintas realidades produtivas e organizativas.

É importante destacar, contudo, que o levantamento realizado não constitui uma amostra probabilística, não permitindo generalizações estatísticas para o conjunto do sindicalismo metalúrgico paulista. Trata-se de um recorte empírico definido por conveniência e acessibilidade institucional, cujo alcance analítico é predominantemente descritivo e exploratório. Ainda assim, o levantamento fornece informações relevantes sobre o perfil social dos representantes que participam das instâncias federativas da categoria.

A etapa qualitativa baseou-se na realização de 33 entrevistas semiestruturadas com dirigentes e representantes sindicais vinculados a sindicatos metalúrgicos paulistas filiados à CUT, com destaque para o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC). A seleção dos

entrevistados ocorreu a partir de indicações de dirigentes sindicais e contemplou atores com diferentes posições e trajetórias na estrutura sindical, incluindo membros de direções sindicais, representantes em comissões de fábrica e integrantes de comitês sindicais de empresa.

As entrevistas foram realizadas entre maio de 2023 e abril de 2025. Enquanto o *survey* permitiu identificar características estruturais do perfil social das lideranças, as entrevistas foram mobilizadas para reconstruir trajetórias profissionais e processos de socialização política, buscando compreender como experiências familiares, inserções ocupacionais e vivências no local de trabalho contribuem para a formação da militância sindical.

O material qualitativo foi estudado por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2011), utilizando procedimentos de codificação aberta (Bryman, 2016), adequados ao caráter exploratório da pesquisa. O processo de codificação foi realizado com o apoio do *software* NVivo, que permitiu organizar o *corpus* de entrevistas, identificar categorias recorrentes nas narrativas dos entrevistados e sistematizar dimensões analíticas relacionadas às trajetórias de militância, às experiências no trabalho e às interpretações produzidas pelos dirigentes sobre os desafios contemporâneos do sindicalismo.

Por fim, a integração entre os dados quantitativos e qualitativos foi orientada por uma lógica de complementaridade analítica. Enquanto o levantamento fornece uma base descritiva sobre o perfil social das lideranças presentes na plenária da FEM-CUT, as entrevistas permitem aprofundar a análise das trajetórias de formação da militância sindical, possibilitando compreender como essas lideranças constroem suas disposições militantes e interpretam os desafios contemporâneos da ação coletiva no setor metalúrgico.

Perfil social das lideranças sindicais metalúrgicas

Esta seção apresenta o perfil social e ocupacional das lideranças sindicais presentes na 9ª Plenária Estatutária da FEM-CUT/SP com base nos dados do *survey* aplicado durante o evento. Mais do que oferecer uma caracterização meramente descritiva do grupo pesquisado, a análise desses dados permite identificar alguns traços estruturais das bases sociais do sindicalismo metalúrgico contemporâneo, fornecendo elementos para compreender quem são os sujeitos que ocupam posições de liderança no interior da categoria.

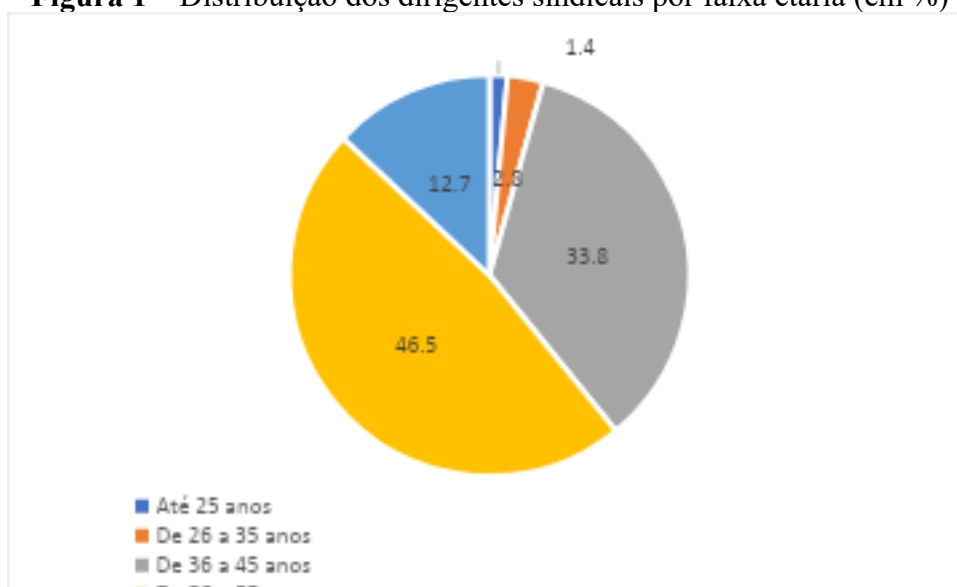
De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2024, a categoria dos metalúrgicos é majoritariamente masculina: 86,32% são trabalhadores desse sexo, enquanto 13,68% são trabalhadoras do sexo feminino. Entre os delegados sindicais da amostra, as trabalhadoras estão ainda mais sub-representadas: são apenas 9,9% diante de 90,1% de

delegados do sexo masculino. Esses dados indicam que, embora o setor metalúrgico seja historicamente marcado por forte predominância masculina, essa assimetria também se reproduz no interior das instâncias de representação sindical, sugerindo a persistência de barreiras à participação feminina nas posições de liderança da categoria.

No que se refere à cor ou raça dos dirigentes, 49,3% se declaram brancos, enquanto 26,8% e 23,9% se declaram, respectivamente, pretos e pardos. Isso indica uma distribuição relativamente equilibrada entre participantes brancos e não-brancos, sugerindo que as instâncias de representação sindical refletem, ao menos parcialmente, a diversidade racial presente na base social da categoria metalúrgica.

Os dirigentes sindicais presentes na plenária da FEM-CUT se concentram, em sua maioria, nas faixas etárias a partir dos 36 anos, sendo que 46,5% têm entre 46 e 55 anos.

Figura 1 – Distribuição dos dirigentes sindicais por faixa etária (em %)

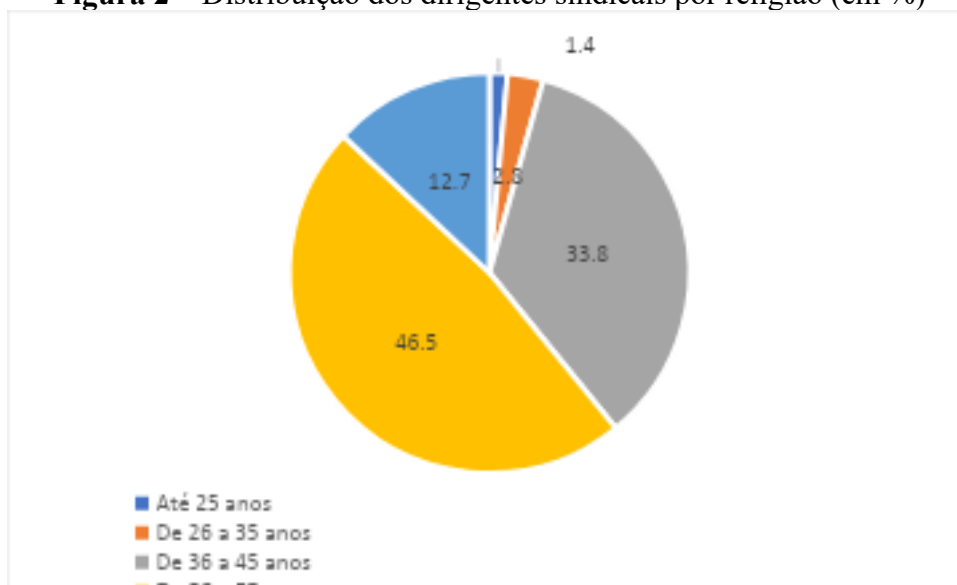


Fonte: Elaboração dos autores.

Esse padrão etário aproxima-se daquele identificado por Carvalho e Bicev (2021) em estudo sobre o perfil das direções da CUT, no qual também se observa a predominância de dirigentes situados em faixas etárias mais elevadas, associadas a trajetórias mais longas de inserção no mundo do trabalho e na militância sindical. Esse perfil sugere que o acesso às posições de liderança tende a estar relacionado a percursos mais prolongados de experiência profissional e organizativa no interior da categoria.

Quanto à religião, os que se declaram católicos são maioria absoluta: 69%. Os evangélicos (14,1%) e os sem religião (8,5%) são os outros grupos que superam a marca dos 5%.

Figura 2 – Distribuição dos dirigentes sindicais por religião (em %)



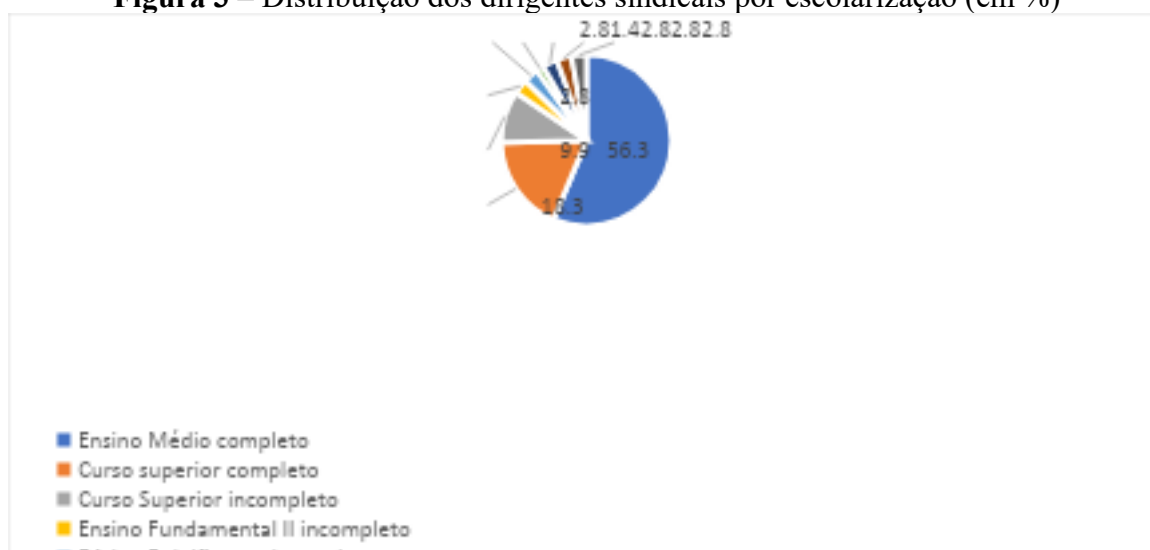
Fonte: Elaboração dos autores.

A presença majoritária de dirigentes católicos reflete, em certa medida, padrões historicamente observados na composição religiosa da classe trabalhadora brasileira⁴. Ao mesmo tempo, a presença de evangélicos e de indivíduos sem religião sugere uma diversificação crescente das referências religiosas entre os dirigentes sindicais.

No que se refere à escolarização, observa-se que atualmente apenas 11,3% das lideranças estão estudando. Ainda assim, os dados indicam que o nível educacional dessas lideranças é superior ao de seus pais, como é possível visualizar nas figuras a seguir.

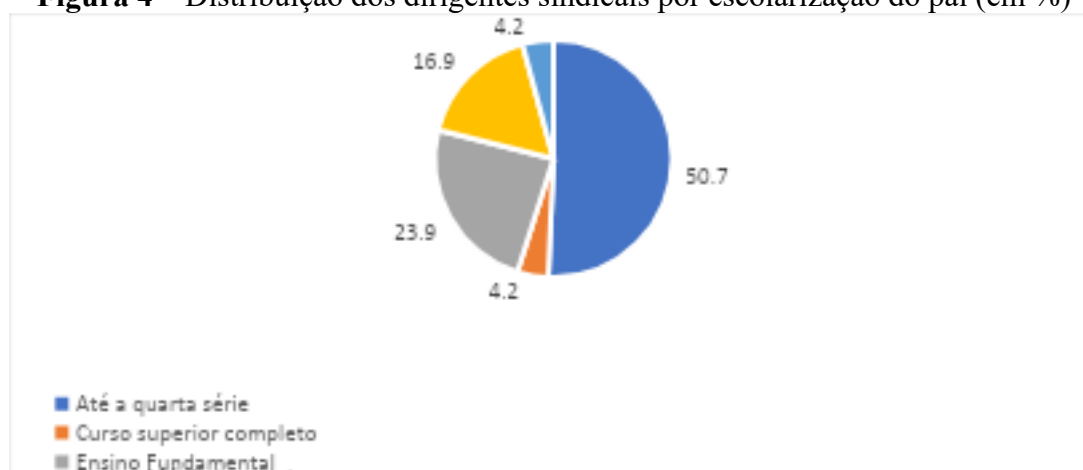
⁴ Dados do Censo Demográfico de 2022 indicam que os católicos permanecem como o principal grupo religioso do país (56,7% da população), embora em trajetória de queda desde 2010. (Loschi, 2025). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 20 mar. 2026.

Figura 3 – Distribuição dos dirigentes sindicais por escolarização (em %)



Fonte: Elaboração dos autores.

Figura 4 – Distribuição dos dirigentes sindicais por escolarização do pai (em %)



Fonte: Elaboração dos autores.

A comparação entre o nível de escolaridade dos dirigentes e o de seus pais sugere a presença de um processo de mobilidade educacional intergeracional no interior dessas trajetórias. Esse resultado aproxima-se de achados de pesquisas recentes sobre o perfil das direções sindicais no Brasil. Estudos baseados nos congressos nacionais da CUT indicam um crescimento contínuo da escolaridade dos dirigentes, com aumento significativo da proporção de lideranças com ensino superior ao longo da última década (Carvalho; Bicev, 2021)

Quanto à origem das lideranças, observa-se que não se trata predominantemente de trabalhadores migrantes de outros estados. Com efeito, apenas 14,1% dos dirigentes são provenientes do Nordeste, 4,8% do Sul e 4,2% de outros estados do Sudeste. Não responderam

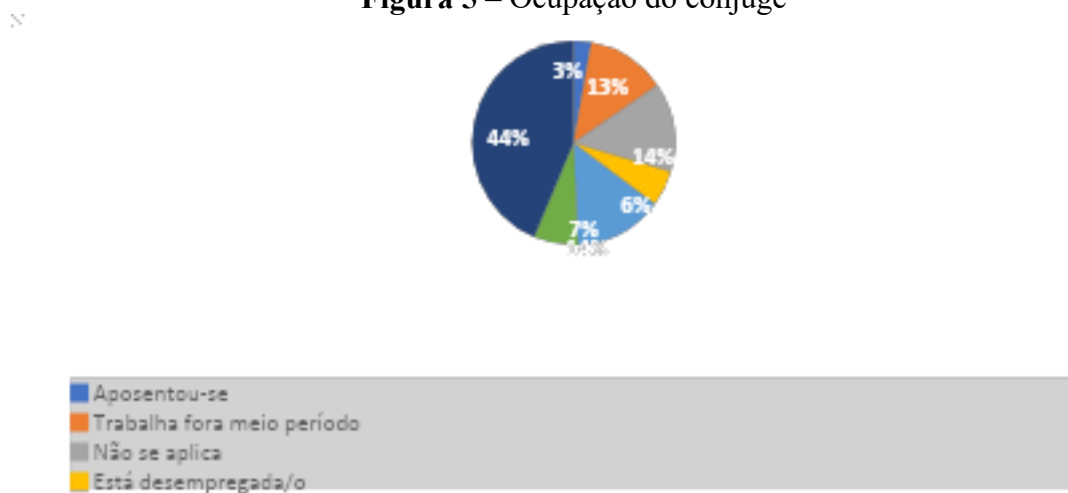
à pesquisa migrantes do Norte ou do Centro-Oeste. 8,5% dos respondentes nasceram na capital paulista, 12,7% no ABC paulista e os demais, 57,7%, nasceram em outros municípios do estado.

Esse padrão sugere que, ao menos entre os participantes da plenária analisada, as lideranças sindicais metalúrgicas não são predominantemente compostas por trabalhadores migrantes de primeira geração industrial, como descrito em parte da literatura clássica sobre o operariado brasileiro. Em vez disso, observa-se a predominância de dirigentes oriundos do próprio estado de São Paulo e socializados em regiões já marcadas pela presença da indústria.

No que se refere à estrutura familiar, 77,5% dos entrevistados afirmaram estar casados ou vivendo maritalmente, enquanto 16,9% se declararam divorciados ou separados e 5,6% afirmaram estar solteiros. Do total, apenas 7% afirmaram não ter filhos, contra 36,6% com apenas um filho, 42,3% com dois filhos, 9,9% com três filhos e 4,2% com quatro ou mais filhos.

Em relação à ocupação do cônjuge, observa-se que, em sua maioria, exercem trabalho remunerado. Isso indica um cenário no qual as famílias de líderes sindicais dependem frequentemente de mais de uma fonte de renda, como é possível verificar no gráfico a seguir.

Figura 5 – Ocupação do cônjuge



Fonte: Elaboração dos autores.

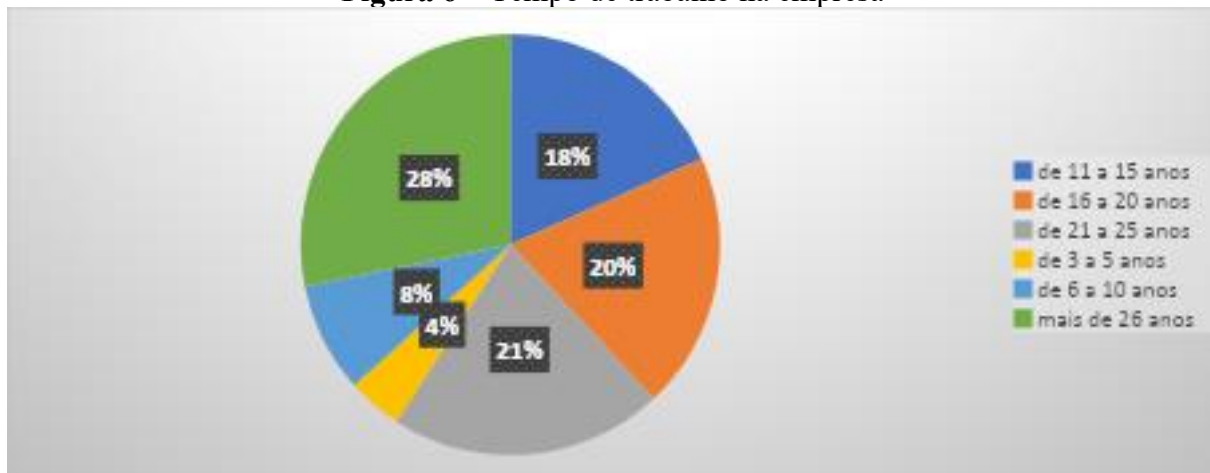
Esses dados sugerem um perfil familiar relativamente estabilizado entre as lideranças sindicais analisadas, marcado pela predominância de uniões conjugais duradouras, presença de filhos e acesso à moradia própria.

Com efeito, 56,3% dos entrevistados afirmaram viver com cônjuge ou companheira/o e filhas/os, ao passo que 21,1% vivem apenas com cônjuge ou companheira/o e 15,5% vivem sozinhos. A maior parte (83,3%) reside em casas, e não em apartamentos. Além disso, 53,5%

vivem em residência própria já quitada, enquanto 39,4% vivem em residência própria ainda não quitada. Apenas 5,6% vivem em domicílio alugado e 1,4% em domicílio cedido.

Todos os dirigentes possuem contrato de trabalho permanente com suas respectivas empresas, seja como horista ou mensalista. A maioria trabalha na mesma empresa há mais de onze anos, como é possível observar na figura a seguir.

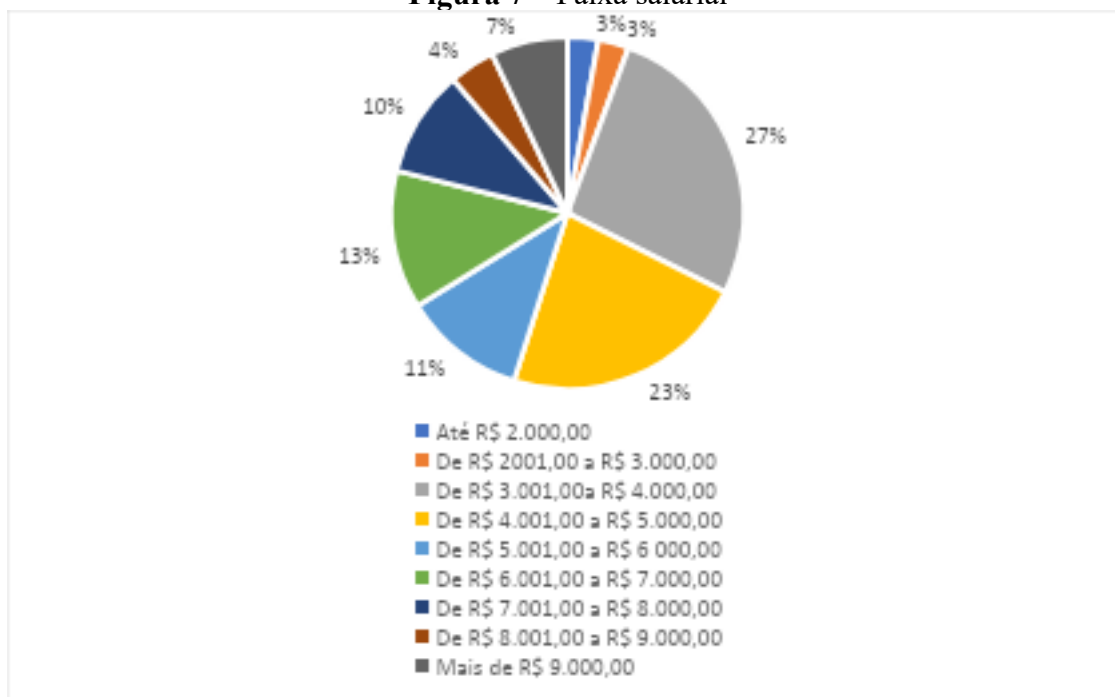
Figura 6 – Tempo de trabalho na empresa



Fonte: Elaboração dos autores.

Esse dado sugere a presença de trajetórias profissionais relativamente estáveis no interior da indústria metalúrgica, nas quais a permanência prolongada na mesma empresa constitui uma característica recorrente. Quanto à segurança no emprego, 14,1% disseram estar muito preocupados em perder seus empregos nos próximos anos, 42,3% afirmaram estar parcialmente preocupados e 43,7% responderam não estar preocupados.

No que se refere aos rendimentos, a maioria das lideranças sindicais recebe salários situados entre 3.001 e 7.000 reais.

Figura 7 – Faixa salarial

Fonte: Elaboração dos autores.

Antes de trabalharem em suas empresas atuais, 60,6% das lideranças já trabalhavam na indústria: 1,4% em montadoras de veículos, 11,3% em empresas fabricantes de autopeças, 26,8% em outras empresas metalúrgicas e 21,1% em indústrias não-metalúrgicas. Apenas 9,9% não tiveram outro emprego além do atual. Outros 15,5% trabalhavam anteriormente no comércio, enquanto 7% são egressos do setor de serviços e 5,6% afirmaram ter trabalhado por conta própria. Apenas 1,4% declararam experiência prévia na lavoura.

Esse conjunto de informações indica que a maior parte das lideranças possui trajetórias profissionais fortemente ancoradas no setor industrial. A passagem prévia por diferentes empresas metalúrgicas ou segmentos da indústria sugere percursos ocupacionais construídos predominantemente no interior do universo produtivo.

Quase um quarto das lideranças (23,9%) tem familiares que trabalham na mesma empresa. A indicação de familiares foi responsável por 19,7% dos dirigentes conseguirem seus empregos, número superado pela indicação de amigos (23,9%) e pelos processos formais de seleção (50,7%).

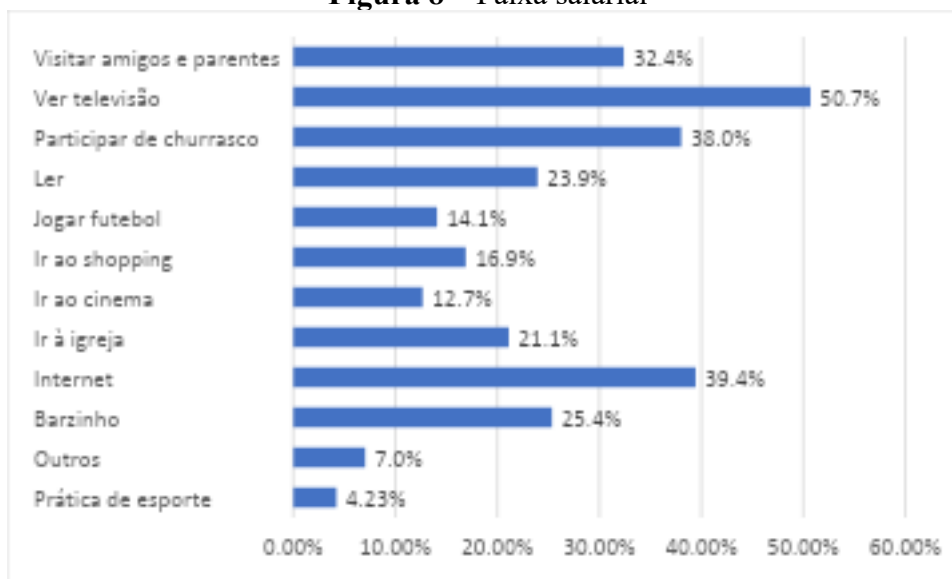
Os dados do *survey* também indicam uma forte identificação dessas lideranças com a condição trabalhadora. Diante de diferentes opções de autoidentificação, 80,3% dos respondentes se definem como pertencentes à classe trabalhadora, enquanto 18,3% optam pela categoria operário e apenas 1,4% se percebem como integrantes da classe média. Esse resultado

sugere que, mesmo estando inseridos no trabalho industrial, os dirigentes tendem a privilegiar uma identificação mais ampla com a classe trabalhadora em detrimento de categorias mais específicas como a de operário. Tal padrão indica que a experiência sindical e a atuação em posições de representação contribuem para a construção de uma identidade de classe mais abrangente, que ultrapassa a definição estrita associada à posição ocupacional no processo produtivo.

Esse padrão de identificação aparece articulado a uma avaliação relativamente positiva do trabalho nas empresas em que atuam. 83,1% dos dirigentes afirmam sentir orgulho de trabalhar na empresa em que trabalham, enquanto 8,5% afirmam não sentir orgulho e 8,5% não souberam responder.

No que se refere ao uso do tempo livre, 50,7% das lideranças sindicais afirmam assistir televisão como principal passatempo, seguido por navegar na internet (39,4%). Participar de churrascos (38%), visitar amigos e parentes (32,4%), ir a barzinhos (25,4%), ler (23,9%) e frequentar igrejas (21,1%) também aparecem como atividades recorrentes entre os dirigentes.

Figura 8 – Faixa salarial



Fonte: Elaboração dos autores.

Em conjunto, os dados do *survey* delineiam o perfil de lideranças sindicais predominantemente masculinas, com trajetórias profissionais longas no setor industrial, níveis de escolaridade superiores aos de suas famílias de origem e forte identificação com a condição de trabalhadores. Esse retrato fornece uma base empírica para compreender quem são os sujeitos que ocupam posições de liderança no sindicalismo metalúrgico contemporâneo.

Na seção seguinte, a análise das entrevistas permite aprofundar essa caracterização ao reconstruir as trajetórias sociais e os processos de socialização política que conduziram esses trabalhadores à militância sindical.

Trajetórias sociais, profissionais e sindicais das lideranças entrevistadas

Os resultados do levantamento apresentados na seção anterior indicam que as lideranças analisadas possuem trajetórias relativamente longas de inserção no trabalho industrial e forte identificação com a condição de classe trabalhadora. Para compreender com maior profundidade como se estruturam esses percursos, esta seção examina as trajetórias de formação da militância a partir das entrevistas em profundidade realizadas com dirigentes sindicais.

No clássico estudo de Martins Rodrigues (1970), o operariado industrial paulista era predominantemente composto por trabalhadores de primeira geração e oriundos do meio rural. Nas trajetórias analisadas neste artigo, por outro lado, observa-se com frequência a presença de dirigentes que cresceram em famílias já inseridas no universo industrial. Em diversos relatos, os entrevistados são filhos de trabalhadores metalúrgicos ou de outros trabalhadores da indústria, tendo sido socializados desde cedo em contextos urbanos marcados pela presença da atividade fabril.

Esse padrão sugere a presença de processos de reprodução intergeracional da condição operária, nos quais o trabalho industrial aparece como horizonte ocupacional relativamente consolidado entre gerações sucessivas. A presença recorrente de familiares vinculados à fábrica nas narrativas dos entrevistados funciona como um vetor de socialização ocupacional que contribui não apenas para a manutenção dos vínculos laborais, mas também para a transmissão de referências simbólicas e experiências coletivas associadas à identidade operária. Esse resultado dialoga com os dados do levantamento apresentados na seção anterior, que indicam a predominância de dirigentes nascidos no próprio estado de São Paulo e socializados em regiões já marcadas pela presença histórica da indústria.

Isso não significa, contudo, o desaparecimento das trajetórias associadas à migração ou à origem rural. Em diversas narrativas, os pais ou avós dos dirigentes aparecem como trabalhadores provenientes do meio rural ou de regiões periféricas do país que migraram para os polos industriais paulistas em busca de melhores condições de vida.

Em uma das entrevistas, por exemplo, um dirigente relata que sua família tinha origem no meio rural e que a migração para a indústria ocorreu apenas na geração de seus pais:

sou de uma família muito humilde, meu pai, minha mãe, meus avós trabalhavam na roça, algumas vezes meu pai deixou a família lá e veio trabalhar aqui, trabalhou na Petroquímica União, trabalhou na usina nuclear de Angra dos Reis, mas eram períodos curtos, de 6 meses, 8 meses, ganhava um dinheiro e tinha que voltar para lá para cuidar da roça e dos filhos (Entrevista com diretor executivo do SMABC, 12 jun. 2024).

Ainda nesse sentido, outro entrevistado reportou:

Bom, eu sou do estado do Ceará, mais precisamente nascido na cidade de Mauriti, eu sou filho de agricultores. Meu pai é agricultor, sempre moraram no campo, minha mãe, eles têm basicamente o ensino primário. Eu vim para São Paulo em 91 primeiramente, eu tinha 16 anos (Entrevista com Coordenador da Regional do SMABC, 28 ago. 2024).

Esses relatos ilustram trajetórias familiares nas quais a migração rural-urbana constituiu uma etapa importante do processo de inserção industrial. Os excertos evidenciam a centralidade da família na socialização inicial para o trabalho industrial. Além disso, as trajetórias são marcadas por experiências precoces de trabalho, frequentemente em contextos de informalidade e necessidade econômica, anteriores ao ingresso em grandes empresas metalúrgicas. Essas experiências são narradas retrospectivamente como momentos formativos decisivos.

[...] eu sempre fui inquieto por conta da injustiça que eu percebia, principalmente na escola ou na rua. Desde pequeno, enxergando aquela dificuldade, eu tinha *fissura* em trabalhar para ajudar com alguma coisa. Então, com 8 ou 9 anos, eu pedia para minha mãe ou para alguém arrumar um saco para andar pelos terrenos baldios da região, para catar lata, alguma coisa, pra vender para o sujeito que passava ali no carrinho. Para ganhar algum dinheiro, para ter dinheiro para comprar um pão, alguma coisa assim. Então, eu queria ser adulto muito cedo, ter responsabilidade e trabalhar (Entrevista com dirigente que exerce alto cargo no SMABC, 21 nov. 2024).

Em outros casos, a inserção precoce no trabalho aparece associada à vivência direta da exploração e à emergência de formas elementares de reação coletiva, ainda fora do espaço sindical formal:

Acho que tinha 14 [anos quando comecei a trabalhar]. [...] Eu trabalhei em uma empresa [...] onde eu tive o meu primeiro contato com o mundo do trabalho [...] quem me arrumou isso foi a minha mãe. [...] E foi o meu primeiro contato com o mundo do trabalho. Nós trabalhávamos de segunda a sábado [...] O Seu M., por diversas vezes, pedia para a gente ficar além da jornada. [...] A gente ficava lá. Só que ele não pagava hora extra para nós, e a gente achava aquilo injusto. E um dia nós questionamos (trabalhava eu, meu irmão e um amigo meu nessa fábrica): “Seu M., a gente fica até mais tarde aí, mas o senhor não paga hora extra”. [...] Ele falou: “Mas não tem que pagar hora

extra, vocês ganham caixinha do cliente.” Eu falei: “Não, mas caixinha é outra coisa”. [...] Aí eu organizei uma greve. Acho que lá tinha uns dez trabalhadores [...] Aí eu falei: “Porra, vamos parar isso aqui, não é justo o Seu M. fazer o que ele faz com a gente”. Todo mundo concordou na hora. [...] Na hora do almoço, depois do almoço, a gente não volta ao trabalho. [...] Aí ele chegou [...] e viu a gente parado. Ele falou: “Ué, vocês não vão voltar para o trabalho?” Eu falei: “Não, não vamos voltar não, enquanto o senhor não pagar hora extra ninguém volta ao trabalho aqui”. Ele virou um animal. [...] Ele deu um grito que acabou a greve na hora, todo mundo ficou com medo, só quem continuou a “greve” foi eu, meu irmão e esse amigo meu. [...] E por óbvio que ele demitiu os três; e ligou para minha mãe (Entrevista com dirigente que exerce alto cargo no SMABC, 12 jun. 2024).

Essa fala é representativa de algo recorrentemente relatado nas entrevistas: a vivência da exploração muitas vezes antecede a militância sindical formal, funcionando como experiência inaugural de indignação moral e de ação coletiva.

A entrada no setor metalúrgico aparece, para muitos entrevistados, como um momento de inflexão na trajetória profissional, no qual experiências laborais marcadas pela instabilidade e pela circulação por diferentes ocupações cedem lugar a percursos mais contínuos no interior da indústria.

Eu trabalhava cinco meses em uma [empresa], era novo ainda e não tinha aquela responsabilidade, então eu ficava numa fábrica, não gostava muito e saía. [...] Até que eu entrei nessa fábrica que eu trabalho. Tinha um pessoal mais antigo, fiz amizade com eles e tal. Eles acabavam pegando no meu pé e tal “não, trabalha direitinho aí que você vai ser efetivo e tal” e graças a Deus, lá deu certo! Lá eu fiquei e estou há 22 anos (Entrevista com coordenador regional do SMABC, 12 jun. 2024).

Então, eu comecei a trabalhar aos 14 anos em uma indústria gráfica [...] trabalhei um ano nessa gráfica, depois eu saí de lá e comecei a trabalhar em uma metalúrgica em São Caetano do Sul [...] por dois anos. Depois de lá, trabalhei na Auto Comércio e Indústria Acil [...] trabalhei lá por quatro anos e meio também e depois de lá trabalhei um mês na antiga BVE (Brasinca Veículos Especiais) [...] trabalhei apenas um mês lá. E aí, eu tinha enviado um currículo aqui para a Scania e fui chamado aqui na Scania, entrei na Scania e estou até hoje (Entrevista com coordenador de CSE em montadora em São Bernardo do Campo, 7 mar. 2025).

No que se refere à aproximação com o sindicato, as entrevistas indicam que o ingresso na militância raramente ocorre de forma imediata. Em diversos casos, ele é mediado por colegas, chefias intermediárias ou por situações concretas de conflito no local de trabalho, sendo frequentemente acompanhado, no início, por desconfiança em relação às organizações sindicais.

O Expedito uma vez me chamou e falou assim: “Olha, eu estou sabendo que vai ter eleição [da Comissão de Fábrica] aí e que o Bezerrinha te chamou. Por que você não vai na chapa com ele?” Eu falei: “Expedito, negócio de sindicato, eu não vou me meter com isso aí não, é tudo ladrão”. Ele falou: “Você conhece o seu sindicato?” Eu falei: “Não”. Ele falou: “Então antes de você dizer isso você tinha que conhecer o seu sindicato. [...] Outra coisa: você não terá futuro aqui dentro da fábrica, você fala demais [...] no sindicato eu já vejo um caminho para você, pelo fato de você falar. (E o cara era chefe!)” (Entrevista com dirigente que exerce alto cargo no SMABC, 12 jun. 2024)

Aí eu estava indo para o refeitório, estou lá comendo [...] pintou o debate sobre a PLR [Participação nos Lucros e Resultados] [...] e aí eu comecei a destilar todo o meu senso comum na mesa, tipo: “Olha, esse negócio de PLR aí, o sindicato é um bando de ladrão!” [...] “E outra, um monte de velho de cabelo branco que fica gritando no microfone [...]”, enfim. [...] a pessoa virou para mim e falou: “Pô, cara, que legal! Você é uma pessoa crítica, né?” [...] “Você já pensou em ir para o sindicato?” Eu falei: “Você está louco, cara! [...] Esses malucos, um bando de máfia, ladrão. Vão me matar lá. Não posso entrar nesse negócio.” [...] ele falou: “Prazer. Moisés da Comissão de Fábrica” (Entrevista com dirigente que exerce alto cargo na Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT – CNM-CUT, 21 fev. 2025).

Os excertos permitem observar que a militância se constrói por meio de processos graduais de socialização política, nos quais a experiência prática da representação e o embate cotidiano antecedem a adesão ideológica explícita. Como demonstram os relatos, a resistência inicial cede espaço a trajetórias progressivas que se profissionalizam ao passar pela CIPA, pela Comissão de Fábrica ou pelo Comitê Sindical de Empresa, culminando no ingresso na direção sindical.

Além disso, algumas trajetórias são atravessadas por experiências prévias de militância fora do sindicalismo metalúrgico, como a participação em movimentos religiosos, sociais ou sindicais em outros setores, inclusive no meio rural:

Meu pai foi o primeiro trabalhador a se associar, naquela região, ao sindicato dos rurais e, com o tempo, o meu irmão começou a militar nos trabalhadores rurais e se tornou Presidente do Sindicato [...] fizeram muitas lutas, conquistaram terra [...] o trabalhador [...] sofria muita ameaça [...] então tem uma... já tinha uma certa inspiração pelo movimento sindical, já corria um pouco nas veias essa questão de lutar pelos trabalhadores (Entrevista com membro da Diretoria Executiva do SMABC, 12 jun. 2024).

Agora fazendo a junção [...] até então [...] eu tinha a ação política na sociedade muito desvinculada com a ação política dentro da fábrica. Era a teologia da libertação, era a Pastoral da Terra, era a Pastoral da Criança, era a Pastoral da Juventude e tal [...] mas eu não entendia essa vinculação com o mundo do trabalho, e a partir daí, comecei a entender (Entrevista com dirigente que exerce alto cargo na CNM-CUT, 21 fev. 2025)

Essas trajetórias sugerem que a formação das disposições associadas ao *habitus* militante, nos termos propostos por Rombaldi e Tomizaki (2017), pode ter início no contato com situações percebidas, nas narrativas dos entrevistados, como formas de injustiça no cotidiano laboral. Nesse processo, experiências concretas de exploração, conflito e contestação no interior das relações de trabalho tendem a funcionar como momentos iniciais de socialização política, a partir dos quais os trabalhadores passam a reinterpretar sua posição no universo produtivo e a reconhecer a ação coletiva como um repertório legítimo de intervenção. A constituição das lideranças sindicais aparece, assim, menos como resultado de uma adesão ideológica imediata e mais como produto de trajetórias graduais de engajamento, nas quais a participação em conflitos cotidianos e em instâncias de representação no local de trabalho contribui para a incorporação progressiva de disposições militantes. Ainda que as condições gerais de trabalho sejam frequentemente avaliadas de forma positiva pelos dirigentes, o cotidiano das fábricas permanece atravessado por conflitos e tensões que alimentam processos de mobilização e socialização política.

Em síntese, as trajetórias analisadas evidenciam um padrão distinto daquele descrito nos estudos clássicos sobre o operariado industrial paulista: no conjunto dos entrevistados, tende a prevalecer a socialização em um universo urbano-industrial já consolidado e, em muitos casos, a reprodução intergeracional da condição operária, com a família desempenhando papel central na construção inicial da identidade metalúrgica. Essa configuração contribui para compreender os resultados do levantamento, que evidenciam uma forte inserção das lideranças no universo produtivo e uma ampla identificação com a condição de classe trabalhadora.

As entrevistas indicam ainda que o ingresso no sindicato tende a ocorrer por meio de experiências sucessivas de participação e representação no local de trabalho. Trata-se de um processo de socialização política no qual experiências prévias de inserção no trabalho se articulam a redes de sociabilidade no ambiente produtivo, à participação em instâncias intermediárias de representação e a práticas cotidianas de negociação e enfrentamento. Esse percurso cumulativo contribui para a incorporação progressiva de disposições favoráveis à ação coletiva, que se consolidam ao longo das trajetórias de militância.

Tal processo permite interpretar a construção da militância como formação progressiva de um *habitus* militante (Rombaldi; Tomizaki, 2017), no qual disposições práticas forjadas no cotidiano do trabalho são convertidas em orientações duráveis para a ação coletiva. Essas trajetórias também estruturam as formas pelas quais os dirigentes percebem e interpretam os desafios contemporâneos da ação sindical no setor metalúrgico.

Considerações finais

A análise apresentada neste artigo buscou compreender o perfil social e as trajetórias de militância das lideranças sindicais metalúrgicas vinculadas à FEM-CUT no estado de São Paulo. A partir da combinação entre os dados do *survey* aplicado durante a 9ª Plenária Estatutária da federação e as entrevistas em profundidade realizadas com dirigentes sindicais, foi possível identificar algumas características centrais que marcam tanto a composição social dessas lideranças quanto os percursos de formação de sua militância.

Os resultados do levantamento indicam que as lideranças analisadas apresentam trajetórias relativamente longas de inserção no mundo do trabalho industrial, frequentemente associadas a experiências precoces de trabalho e a fortes vínculos com o universo fabril.

Observa-se também um padrão de escolarização superior ao das gerações anteriores e uma forte identificação com a condição de classe trabalhadora, indicando a consolidação de um perfil de dirigente sindical profundamente enraizado no universo produtivo. Nesse sentido, os resultados dialogam com achados recentes da literatura sobre o perfil das direções da CUT, que apontam para a predominância masculina entre os dirigentes, o aumento progressivo da escolarização e a presença de trajetórias longas de militância sindical (Carvalho; Bicev, 2021).

As entrevistas em profundidade, por sua vez, permitem reconstruir com maior detalhe os processos de formação da militância sindical. Os relatos indicam que muitos dirigentes cresceram em famílias já inseridas no setor industrial, o que favorece processos de socialização precoce para o trabalho fabril e para a cultura operária. Em diversos casos, os entrevistados são filhos de trabalhadores que migraram anteriormente para os centros industriais paulistas, enquanto eles próprios foram socializados em contextos urbanos já fortemente marcados pela presença da indústria.

Se, nos estudos clássicos sobre o operariado industrial paulista, predominavam trabalhadores de primeira geração industrial, frequentemente oriundos do meio rural e recentemente incorporados ao universo urbano-industrial, as trajetórias observadas entre as lideranças entrevistadas sugerem um contexto marcado pela consolidação histórica de regiões urbano-industriais nas quais o trabalho fabril passa a ser transmitido, em muitos casos, entre gerações. As entrevistas indicam, assim, a presença de dirigentes pertencentes já a uma segunda geração de trabalhadores industriais, socializados desde cedo em ambientes familiares e territoriais fortemente marcados pela presença da indústria.

Isso não significa, contudo, o desaparecimento das trajetórias associadas à migração ou à origem rural. Em diversas narrativas, os pais ou avós dos dirigentes aparecem como trabalhadores provenientes do meio rural ou de regiões periféricas do país que migraram para os polos industriais paulistas em busca de melhores condições de vida. Desse modo, as trajetórias analisadas revelam a coexistência de diferentes padrões de origem social, refletindo processos históricos mais amplos de formação e consolidação da classe trabalhadora industrial no Brasil.

Em conjunto, os resultados sugerem que a formação das lideranças sindicais metalúrgicas não se reduz a um processo de adesão ideológica ou a decisões individuais isoladas, mas se estrutura ao longo de trajetórias cumulativas de inserção no trabalho industrial e de participação em instâncias de representação no local de trabalho. Nesse sentido, a militância sindical pode ser compreendida como resultado de processos graduais de socialização política, nos quais experiências cotidianas de trabalho, conflito e negociação contribuem para a incorporação de disposições favoráveis à ação coletiva. Esses percursos permitem interpretar a formação das lideranças como constituição de um *habitus* militante, no qual disposições práticas forjadas no universo produtivo são convertidas em orientações duráveis para a ação sindical.

Por fim, algumas limitações da pesquisa devem ser consideradas. O levantamento quantitativo foi realizado durante um evento específico da federação, e não constitui uma amostra probabilística do conjunto das lideranças sindicais metalúrgicas do estado de São Paulo. Ainda assim, a combinação entre *survey* e entrevistas em profundidade permitiu construir um retrato consistente do perfil social e das trajetórias de militância de dirigentes que participam das instâncias organizativas da categoria. Pesquisas futuras poderão aprofundar essa agenda investigando comparativamente outras regiões do país ou distintos setores industriais, contribuindo para ampliar a compreensão das transformações em curso nas bases sociais do sindicalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BICEV, Jonas Tomazi; MELO, Filipe Augusto Freitas. Atores locais no processo de fechamento da planta da Ford em São Bernardo do Campo. *In*: RODRIGUES, Iram Jácome; RAMALHO, José Ricardo; LIMA, Jacob Carlos. (org.). **Trabalho e sindicalismo**: reflexões a partir do contexto pandêmico. São Paulo: Annablume, 2022. p. 209-236.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais - RAIS**: ano-base 2024: sumário executivo. Brasília: MTE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/rais/rais-2024>. Acesso em: 28 jun. 2026.

BRYMAN, Alan. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

CARDOSO, Fernando Henrique. Proletariado e mudança social em São Paulo. **Sociologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 3–12, 1960.

CARVALHO, Fernanda Forte de. A CUT no início do século XXI: perfil dos dirigentes e desafios da ação sindical. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 2, n. 4, p. 135-158, 2014. DOI: 10.20336/rbs.80.

CARVALHO, Fernanda Forte de; BICEV, Jonas Tomazi. CUT: perfil dos dirigentes e resposta sindical frente à reforma trabalhista. **Sociologias**, v. 23, n. 58, p. 268-294, 2021. DOI: 10.1590/15174522-110760.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Penso, 2021.

FRASER, Nancy. A Triple Movement? Parsing the Politics of Crisis after Polanyi. *In*: BURCHARDT, Marian; KIRN, Gal (org.). **Beyond Neoliberalism**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 49-62.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Sociedade industrial no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

LOSCHI, Marília. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 28 jun. 2026.

MARTINS, Fernando Ramalho; MELO, Filipe Augusto Freitas. Luta sindical ante o fechamento de plantas no setor automotivo no estado de São Paulo. *In*: SILVA, Sandro Pereira *et al.* (org.). **Regulação trabalhista e ação coletiva de trabalhadores no Brasil no século XXI**. Brasília: Ipea, 2024. p. 86-121.

MARTINS RODRIGUES, Leônicio. **Industrialização e atitudes operárias**: estudo de um grupo de trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1970.

MARTINS RODRIGUES, Leônicio. **Destino do sindicalismo**. São Paulo: Edusp, 1999.

MELO, Filipe Augusto Freitas. **Representando os trabalhadores**: organização no local de trabalho no ABC Paulista. 2018. 207 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MELO, Filipe Augusto Freitas. **Não trabalhando (mais) para Ford**: ação sindical contra o fechamento das fábricas no Brasil. 2025. 251 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

RODRIGUES, Iram Jácome. **Comissão de fábrica e trabalhadores na indústria**. São Paulo: Cortez, 1990.

RODRIGUES, Iram Jácome. O sindicalismo brasileiro da confrontação à cooperação conflitiva. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 116-126, 1995.

RODRIGUES, Iram Jácome; CUNHA, Cecília Carmen; RAMALHO, José Ricardo Garcia Pereira; SANTANA, Marco Aurélio. Velhos e novos operários da indústria automobilística: comparações entre o ABC Paulista e o Sul Fluminense. **Caderno CRH**, Salvador, v. 19, n. 46, p. 77-94, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18547>. Acesso em: 23 dez. 2025.

RODRIGUES, Iram Jácome; LIMA, Jacob Carlos; BICEV, Jonas Tomazi; SILVA, Thamires Cristina da. Reespacialização industrial e seus efeitos sobre o emprego e o sindicalismo metalúrgico no estado de São Paulo. **Política & Trabalho**: revista de ciências sociais, João Pessoa, v. 1, n. 56, p. 21-41, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/62698>. Acesso em: 20 jan. 2026.

RODRIGUES, Iram Jácome; MARTINS, Heloisa Helena T. Perfil socioeconômico de jovens metalúrgicos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 221-252, 2005. DOI: 10.1590/S0103-20702005000200010. DOI: 10.1590/S0103-20702005000200010.

RODRIGUES, Iram Jácome; RAMALHO, José Ricardo. Novas configurações do sindicalismo no Brasil? Uma análise a partir do perfil dos trabalhadores sindicalizados. **Contemporânea**: revista de sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 4, n. 2, p. 381-404, 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/239>. Acesso em: 20 jan. 2026.

RODRIGUES, José Albertino. **Sindicato e desenvolvimento no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Símbolo, 1979.

ROMBALDI, Maurício; TOMIZAKI, Kimi. Ultrapassando fronteiras: trajetórias de ascensão de militantes brasileiros no sindicalismo transnacional. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 45, p. 24-50, 2017. DOI: 10.1590/15174522-019004502.

SANTANA, Marco Aurélio; RODRIGUES, Iram Jácome; DIÉGUEZ, Carla Regina Mota Alonso. Estudos sobre o sindicalismo brasileiro hoje: percursos e análises. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 29, p. 201-236, 2023. DOI: 10.20336/rbs.897.

SILVA, Thamires Cristina da. **Somos Governo!:** uma análise do sindicalismo brasileiro nos anos de 2003 a 2016. 2023. 561 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

CRedit Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Não.
 - ☐ **Financiamento:** Projeto Universal CNPq “A condição operária revisitada: os trabalhadores da indústria automotiva paulista no início do século XXI” (Processo nº 407953/2021-3).
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não houve conflitos de interesse.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não precisou.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Ambos os autores contribuíram igualmente para a obra.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

